

## Nada faz sentido

Michael Foley  
por Rita Loiola

*...Mas, com um pouco de hipocrisia, dá para ser feliz mesmo assim. Essa é a ideia do livro *The Age of Absurdity*, em que o irlandês Michael Foley defende que nosso cotidiano se transformou em um amontoado de bizarrices como a busca pela juventude eterna ou o consumismo desenfreado. O antídoto, é aceitar que vivemos em um mundo louco — e aprender a rir deles*



Crédito: Fábio Dias

O cotidiano nos deixa descontentes parece que todo mundo está se divertindo, com exceção de nós mesmos. Os relacionamentos e o trabalho são tão absurdos que fazem da felicidade algo difícil de alcançar. Essa conclusão levou o autor irlandês Michael Foley a escrever *The Age of Absurdity* (A Era do Absurdo), recém-lançado na Inglaterra. “O mundo beira o nonsense e ainda não nos habituamos a isso”, diz. Pensar que a carreira é o motivo de nossa existência ou que a juventude eterna vai trazer satisfação são exemplos dessa falta de sentido. Para comprovar sua tese, além de filosofar um pouco, Foley buscou na literatura exemplos que discutem o absurdo. Ele cita Samuel Beckett (dramaturgo irlandês, um dos marcos do movimento Teatro do Absurdo) para mostrar que podemos rir dessas bizarrices como na peça *Esperando Godot*. “Somos muito sofisticados e irônicos para usarmos uma palavra tão fora de moda como felicidade. Mas é o que desejamos secretamente”, diz Foley, referindo-se àquela felicidade tipo anos 50, ligada ao bem-estar familiar, e que ficou brega. Só que ela pode ser a única que dura mais que a última compra ou a próxima festa. De seu escritório, em Londres, esse professor aposentado de Tecnologia da Informação explicou como viver e até ser feliz, quem sabe com essa nova condição.

### **Então o mundo é absurdo. Como você pode ter certeza disso?**

**Foley:** É só olhar para o maior e mais espetacular evento do século 20: a ida do homem à Lua. Nem Franz Kafka [escritor checo, autor de *A Metamorfose*, um dos marcos da literatura absurda] junto com Beckett poderiam ter criado uma fábula tão inacreditável. A ida à Lua reuniu muitos absurdos-chave de nossa era, como a supremacia da imagem sobre o conteúdo, os meios transformados em fins e os detalhes sendo mais importantes que os valores

absolutos. É incrível que os homens tenham pisado na Lua com o único objetivo de provar que isso era possível...

### **É o absurdo que nos deixa infelizes ou foi a infelicidade que nos levou a ele?**

**Foley:** A cultura ocidental moderna é baseada em expectativas. Todos acreditam que algo muito mais divertido nos aguarda na próxima esquina. E isso é terrível. Basta olhar para as taxas de depressão no mundo: a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que essa será a doença mais comum do globo em dez anos. Os mesmos estudos mostram taxas altíssimas de deprimidos nos EUA (cerca de 30%). Enquanto na América a autoestima é inflada e só o sucesso recebe recompensa, no Oriente o esforço em si é valorizado – e isso gera taxas de depressão bem menores. Isso mostra que o homem não pode viver de expectativas.

### **Você cita uma associação que promove a autoestima como um dos absurdos. Ajudar as pessoas a gostarem de si mesmas não é bom?**

**Foley:** A autoestima é um conceito perigoso. É recente a crença de que a falta dela é a raiz de todo o mal, especialmente males sociais como a violência, delinquência e fracassos escolares. Autoestima, hoje, é algo assim: você diz a si mesmo que é maravilhoso e essa é a parte mais difícil e mais imbecil, já que ninguém é especial e depois espera que todo mundo acredite nisso. Obviamente, ninguém acredita e aí ficamos muito bravos. O mais importante não é acordar seu “gigante interior”, mas seu “anãozinho interior”, aquela pessoa real que é esquisita, irritada, chata e difícil de conviver. Só que é extremamente difícil nos enxergarmos como realmente somos. E foi essa dificuldade que nos levou a essa sociedade absurda.

### **Então, não devemos esperar tanto de nós mesmos e nem da vida?**

**Foley:** Exatamente. É por isso que a sociedade moderna transformou o meio do caminho no seu fim: queremos viver para sempre no momento em que as coisas ainda são loucamente divertidas, seja nos relacionamentos, no trabalho ou em qualquer outro aspecto. Assim, não enfrentamos os problemas cotidianos.

### **E qual a solução?**

**Foley:** Não existem respostas simples. A vida não é uma lista de prescrições. É necessário reconhecer que fomos amaldiçoados com o nonsense – a satisfação não está em objetivos como uma viagem maravilhosa à Índia ou em ter o carro do ano. A procura por qualquer propósito nos dias de hoje é inútil: a própria busca de um objetivo já é o sentido – temos que nos conformar com esse caminho. É esse o absurdo. O absurdo é o novo sublime, o sentido que antes era dado pelas religiões ou pelos grandes ideais. Agora, o objetivo é continuar procurando alguma coisa, mesmo sabendo que não iremos encontrar nada.

### **Dá para conviver com o absurdo e ainda esperar algum tipo de satisfação?**

**Foley:** O jeito mais tranquilo é seguir a sociedade do jeito que é: o trabalho virou o grande objetivo da nossa existência e a juventude eterna promete trazer todas as alegrias terrestres a quem alcançá-la. Podemos conviver com esses absurdos, mas não precisamos acreditar neles. A solução, basicamente, é ser hipócrita.

**VIDA LOUCA** | Os maiores absurdos de todos os tempos

Michael Foley diz que a raiz da Era do Absurdo começou com a ida do homem à Lua. Daí em diante, a falta de sentido foi se espalhando aos poucos, até tomar conta dos nossos dias. Hoje, estão tão disfarçados que parecem naturais.



Crédito: Fábio Dias

**Associação Nacional para a Autoestima >>>** A Associação Nacional para a Autoestima (NASE – National Association for Self-Esteem)., criada nos Estados Unidos, tem a missão de “melhorar a condição humana por meio da elevação da autoestima”. “O problema é que a autoestima não requer esforço pessoal, ela depende dos outros. Então quem deve frequentar essa associação?”, diz Foley.



Crédito: Fábio Dias

**Amor é igual a vício >>>** Foley cita o estudo da antropóloga Helen Fisher que identificou, na fase da paixão, as mesmas substâncias cerebrais dos viciados em drogas. Buscar novos pares que tragam a sensação da euforia é agir como o viciado atrás de doses maiores da droga. Assim, os relacionamentos estão fadados a ser efêmeros – e infelizes.



Crédito: Fábio Dias

**Ato descontínuo >>>** A capacidade de ficar atento ao celular, internet, televisão – tudo ao mesmo tempo – foi desenvolvida no século 21. Foley lista pesquisas mostrando que, de tão acostumadas a serem interrompidas a cada três minutos, as pessoas acabam também se “autointerrompendo” no mesmo ritmo.



Crédito: Fábio Dias

**A arte de desempacotar >>>** Só nos tempos que valorizam a expectativa, vídeos de pessoas desempacotando gadgets poderiam fazer sucesso. O site [www.unboxing.com](http://www.unboxing.com) faz sucesso com vídeos de gente real desembulhando celulares e games. Foi inspirado em um vídeo que virou febre no YouTube há quatro anos.

Fonte: Galileu, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em 7 jun. 2010.

A utilização deste artigo é exclusiva para Ins Galileu